XXII ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO MINAS
SER-TÃO CRÍTICO NA PSICOLOGIA SOCIAL: produzindo vozes em tempos de necropolítica
04, 05, 06 e 07 de Setembro de 2021 Evento on-line
ABRAPSO REGIONAL MINAS GERAIS
ISBN Nº: 978-65-89908-84-5

LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO FRENTE AO DESMONTE DA REFORMA PSIQUIÁTRICA E AO ATAQUE AOS DIREITOS HUMANOS

XXII ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO MINAS GERAIS: Produzindo vozes em tempos de necropolítica, 0ª edição, de 04/09/2021 a 07/09/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-84-5

RAMOS; MARCIA CRISTINA DE OLIVEIRA [1], MAYWORM; Amanda Castellain [2], LOPES; Ana Clara Cruz [3], ALVES; Pablo Rodrigues [4], RAMOS; Waldenilson Teixeira [5], SILVA; Nuno Lomardo Carneiro da [6]

RESUMO

A história da luta antimanicomial encontra-se há quatro anos em franco processo de desmonte, haja vista que, no período de 2016 a 2019, foram editados vários documentos normativos que culminaram na nota técnica 11/2019, intitulada de “Nova Política Nacional de Saúde Mental”. Essa “nova política” se caracteriza pelo incentivo à internação psiquiátrica, ao retorno dos antigos e improfícuos ambulatórios psiquiátricos, além de possuir uma abordagem proibicionista e punitivista no que se refere às questões advindas do uso de álcool e outras drogas ao instaurar a “política nacional sobre drogas”, que fere todos os paradigmas dos direitos humanos: tolerância, combate ao estigma e redução de danos. Diante desse cenário, torna-se urgente ampliar o debate sobre as formas de resistência a essa crise sem precedentes na história da reforma psiquiátrica, que por mais de trinta anos, avançou lenta, mas ininterruptamente com o objetivo de manter o modelo de cuidado em saúde mental, pautado na liberdade, respeito e autonomia das pessoas em sofrimento psíquico. Partindo do conceito de “escrevivências” de Conceição Evaristo que, segundo a autora, “as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas” e do conceito de escrita antiautobiográfica, onde escritas particulares remetem a experiências coletivizadas, pretende-se revisitar as obras de Maura Cançado e Lima Barreto, respectivamente “Hospício é Deus” e “O cemitério dos vivos”, de forma a apostar na literatura como uma forma de enfrentamento às atuais heteronomias e práticas encarcerativas da subjetividade. Escrevivência é a escrita que, além de romper com a dicotomia ficção-realidade, reconhece na ficção, uma maneira que pessoas submetidas a situações de opressão, têm de superar esses infortúnios e seguir existindo. Portanto, as obras dos referidos autores, se configuram como um meio de resistir e reexistir, por meio da escrita, frente ao que era considerado loucura, além de passar por questões de gênero e etnia. Essas obras se aproximam da escrevivência de Evaristo, pois, além de se colocar entre a invenção e o fato, têm-se um sujeito que ao falar de si, fala dos outros. Considerações: Deleuze, em sua obra “Crítica e clínica”, apresenta o escritor como um médico de si próprio e do mundo e a literatura, um empreendimento de saúde. Dessa forma, a escrita se apresenta como uma aposta de insurgência, resistência e denúncia ao atual desmonte da luta antimanicomial.

PALAVRAS-CHAVE: Luta antimanicomial, direitos humanos, literatura

[1] Universidade Federal Fluminense, marcia_ramos@id.uff.br
[2] Universidade Federal Fluminense, amandacastellain@id.uff.br
[3] Universidade Federal Fluminense, anaccl@id.uff.br
[4] Universidade Federal Fluminense, pabloalves@id.uff.br
[5] Universidade Federal Fluminense, waldenilsonramos@id.uff.br
[6] Universidade Federal Fluminense, nunolcs@id.uff.br

[1] Universidade Federal Fluminense, marcia_ramos@id.uff.br
[2] Universidade Federal Fluminense, amandacastellain@id.uff.br
[3] Universidade Federal Fluminense, anaccl@id.uff.br
[4] Universidade Federal Fluminense, pabloalves@id.uff.br
[5] Universidade Federal Fluminense, waldenilsonramos@id.uff.br
[6] Universidade Federal Fluminense, nunolcs@id.uff.br